

A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo

Maria Cristina LEANDRO FERREIRA

(UFRGS)

Este livro de Gadet e Pêcheux começa a ficar interessante e instigante já pelo título: *La langue introuvable*.

De que língua se trata? Que língua é essa que não se alcança? Que não se atinge? Que língua intangível é essa de que os autores querem falar?

No prefácio da bela tradução em espanhol, da Fondo de Cultura Econômica, do México, a tradutora Beatriz Job vai precisamente no ponto ao comentar? “Françoise Gadet e Michel Pêcheux nos propõem precisamente uma reflexão sobre os limites e as fronteiras, sobre os espaços flutuantes e as transgressões da língua; nos propõem também uma excursão através de outros espaços, ao modo de incursões (...) porque em cada conjuntura teórica se recorda o peso histórico e também o de uma tradição filosófica, elementos que determinam, clarificam, confundem as regras do jogo.”¹

Vem daí a minha fixação pela noção de fronteira e seu caráter paradoxal, tal como se apresenta no território do discurso e em suas circunvizinhanças. A esse propósito escrevi em outro texto o que segue ² e que, julgo, se encaixa aqui:

“(...)a Análise do Discurso nasceu em zona já povoada e tumultuada – de um lado, numa esquina, ocupando quase todo o quarteirão – a lingüística; na outra ponta espaçoso, o materialismo histórico, e no meio dividindo o espaço materialismo histórico; e no meio, dividindo o espaço lado a lado com a psicanálise, a teoria do discurso. Portanto, essa contigüidade, esse convívio fronteiro entre análise do discurso e psicanálise vem de longe, vem desde o início. Tais vizinhas, contudo, ainda que bastante próximas, guardam distância e não confundem seus espaços comuns – são íntimas, mas nem tanto, donde a “estranha intimidade”.

¹ GADET, F. & PÊCHEUX, M. La lengua de nunca acabar. Trad. esp. México, Fondo de Cultura Econômica, 1984.

² Comunicação apresentada em Puebla, México, em 2003, durante o IV Congresso da ALED.

A zona de fronteira é, assim, um espaço tenso, instável, contraditório ... e fecundo. Quem nela habita, desfruta de uma amplidão de horizontes e de uma maior ilusão de liberdade; liberdade ilusória, porque implica, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, um espaço a ser compartilhado com o outro, o estrangeiro.

A análise do discurso se define, desde sua concepção inicial, como uma disciplina que se constitui numa zona de interface, na fronteira entre o sentido / e o não-sentido; entre o possível/ e o impossível; entre a completude/ e a incompletude. As linhas demarcatórias com suas vizinhas assinalam o lugar do fim e também do início; ao mesmo tempo que fecham a fronteira dos respectivos territórios, apontam para um começo, para uma continuidade. Desse modo, início e fim de cada lado se confundem, se imbricam, se enlaçam.

O livro que ora analisamos (“*La langue introuvable*”) traça em seu itinerário um mapa histórico e ideológico do século XX e de suas políticas lingüísticas, apontando seus pontos minados, seus principais furos e defecções. É difícil enquadrá-lo numa classificação simplificadora e única.

A própria autora (F. Gadet), em seu prefácio para a edição brasileira, que está por sair e que foi traduzida por Bethania Mariani (e que Gadet teve a delicadeza de me antecipar uma cópia), nos revela que, ao ser lançado em 1981, o livro despertou pouco interesse e desde então foi pouco citado. (‘Mais uma diferença com o que se passa aqui no Brasil!’)

Segundo ela, a obra passa por uma reflexão epistemológica de uma disciplina – a lingüística – já às voltas com uma crise, a qual foi apontada em outro artigo dos mesmos autores, intitulado sugestivamente “*Y a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?*” (‘*Há um caminho para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo?*’). A obra retorna depois aos fundamentos filosóficos, além de discutir as condições de constituição da própria Análise do Discurso.

Este é um livro que para ser bem aproveitado requer do leitor um suporte histórico, político, um sólido conjunto, enfim, de referências culturais. Percebe-se um grande investimento nesse texto de outras leituras, de outras histórias que se mesclam na escrita dos autores.

Gadet e Pêcheux, por exemplo, ao analisarem a língua nos países russos, apontam um triplo espaço, no limite do impossível, do equívoco, onde a língua toca a história. A Revolução Russa, que ocupa grande espaço no livro, sobredetermina a relação entre a política revolucionária e o exercício contraditório das práticas lingüísticas, bem como a reflexão sobre a materialidade da linguagem. A Revolução Francesa, por sua vez, entre outros movimentos históricos, deixa seus sedimentos, há aí um enorme ‘trabalho de língua’ que se empreende quando as massas se põem a falar, marcadamente nos léxicos, na luta pela formação de novas palavras entre outras formas lingüísticas.

Destaco especialmente o estranhamento de certos títulos de capítulos que vão da ironia fina e contida ao sarcasmo mais declarado, sem nunca abandonar o tom de denúncia política. Vejamos alguns deles como exemplificação:

- A metáfora também merece que lutemos por ela;
- Pertencemos a uma geração que matou seus poetas;
- A língua acabou?;
- Deus infinito criou o mundo finito;
- A linguagem humana vista por um marciano;
- De que cor são as idéias verdes?

Tenho, particularmente, uma dívida especial com esse texto, pois sem ele não poderia ter vislumbrado os caminhos que percorri para explorar a dimensão da ambigüidade e do equívoco da língua na sua interface com o discurso.

Aprecio de modo especial o humor corrosivo que perpassa passagens desse livro e que é destilado em largas doses para tratar dos casos mais críticos e agudos no que se refere ao tratamento dado à linguagem pelas diversas tendências então existentes.

A distinção entre o que é da ordem do witz e o que é da ordem do joke foi emblemática para compreender o modo de funcionamento do pensamento europeu e do pensamento anglo-saxão; como revelam as piadas do alfaiate judeu (que demorou

mais do que o Criador para fazer o mundo – ‘mas olha o mundo como está... em comparação com as calças que ele fez!’) e do lenhador (que se apresentou para trabalhar dando como referência sua passagem pelo deserto de Saara...!).

Chama muita atenção o quanto a leitura de Chomsky e de seus trabalhos na época foram de perto e profundamente acompanhados por Françoise Gadet e Michel Pêcheux. Em consequência de todo esse investimento, também aparece de modo muito vivo o desencanto com o lingüista norte-americano pelos rumos que ele preferiu seguir, abandonando os sintomas do que ia não bem com as línguas e seu enquadramento (a agramaticalidade e o asterisco que a designava), para tentar resolvê-los, domesticá-los, explicar, enfim, à luz da teoria gerativa, essa língua que muitas vezes nos escapa.

O objetivo de Chomsky é afirmar e reafirmar as duas teses que fundamentam a teoria gerativa: a tese da autonomia da sintaxe e a tese antibehaviorista. Apesar das elaboradas estratégias chomskianas, contudo, sua teoria é atravessada por muitas contradições que acabam por enfraquecê-la. Gadet e Pêcheux percebem bem isso no livro, ao afirmar que “não é certo que nesse duplo jogo o chomskismo tenha conseguido salvar suas teses diretoras, frente ao logicismo da semântica gerativa, ao pragmatismo das teorias da comunicação e ao behaviorismo dos psicolingüistas experimentalistas”.

Penso que tal desencanto é proporcional à ilusão de que a Gramática Gerativa, ou outra teoria formalista, pudesse dar conta de um modelo de descrição e de formalização para a teoria do discurso. Confesso que em parte também percorri esse mesmo caminho da esperança ao buscar pontos de interface entre sintaxe e discurso na minha tese, ainda que ao final tenha saído com a convicção de que não há pontes entre caminhos epistemológicos tão distantes e incompatíveis.

Mas não é só Chomsky que é revisitado pelos autores. Saussure também é chamado e comparece. Assim como perguntam provocativamente sobre “os dois Chomsky”, também o fazem com “os dois Saussure”: o do Curso e o dos anagramas, o diurno e o noturno. Os autores prestam um merecido tributo a Saussure e têm a coragem de lê-lo sob ângulos nem sempre abordados, como o que se revela nessa sua ambivalência. Muitos dos conceitos do Curso não estão resolvidos (como a contradição

entre língua e linguagem) e Saussure mais que resolver questões (ao contrário de Chomsky) as abre e as torna visíveis. Em suma, põe o dedo na ferida. Os saussurianos tentam tamponar essa ferida ocultando essa insuportável novidade que vem transformar a relação entre o desejo, o real e o impossível.

Quando pensam a questão do signo saussuriano (valor, diferença), Gadet e Pêcheux o fazem pelo viés do deslizamento, abrindo dessa forma uma brecha a investigações materialistas sobre o funcionamento do significante, o que é considerado 'perigoso' pelas classes dominantes (segundo eles).

Outra referência fundamental nessa obra é a presença de Milner, com seu “ O Amor da Língua”. Entre afagos e cobranças, o lingüista francês e chomskiano dissidente é valorizado pela introdução do conceito de *lalangue*, acabando assim com o falso maniqueísmo entre empirismo vs racionalismo; por outro lado é criticado por referir-se à poesia como “domingo do pensamento”, lugar privilegiado que aponta na língua a inscrição do real, dos lapsos, dos atos falhos...O ponto de deslocamento feito por F.Gadet e M.Pêcheux é localizado não na poesia, mas no equívoco, o lugar que afeta e corrompe o princípio de univocidade da língua, pois é aí onde o impossível da língua se encontra com a contradição da história. A irrupção do equívoco afeta o real da história, o que se manifesta pelo fato de todo processo revolucionário afetar também a língua. Dessa forma as reflexões sobre a língua nos anos 60/70 recaem sobre as mudanças históricas advindas, por exemplo., da revolução de 17, na história da lingüística. Essas profundas e radicais agitações ideológicas, como aconteceram, também, pelo fim dos anos 80, chegam a produzir sentidos dentro da falta de sentido.

Se quisermos associar a essa designação “*langue introuvable*” – língua inencontrável, inalcançável, inatingível – uma figura topológica, certamente a encontraríamos na ***Banda ou Fita de Moebius***, que mostra a impossibilidade de se estabelecer os limites entre o avesso e o direito, entre o interno e o externo, já que cada lado representa essas duas faces ao mesmo tempo, acabando com a dicotomia habitual de separar os fatos que são da língua e os que são extra-lingüísticos.

Essa representação da fita ou da banda de moebius também nos ajuda a entender por que a língua, assim como o discurso, não constituem uma estrutura fechada,

homogênea, estável. Essa estrutura, esse todo representável que é a língua comporta em si igualmente o não-todo, o não-representável (o “introuvable”).

Outro aspecto que gostaria de destacar, a partir do texto em debate, é o investimento do **desejo** nessa língua que interessa ao analista de discurso. Esse caráter de busca incessante que nunca se completa, essa língua que não se deixa alcançar, mas que está sempre na visada do sujeito, como alvo constante, essa língua intangível, a qual sempre se procura, mas nunca se encontra, representa o movimento do desejo do sujeito do inconsciente, na tentativa sem fim de preencher esse furo, de completar essa falta, que lhe é constitutiva, assim como da língua. Daí irrompe a discussão do real da língua e do real da história, noções fundamentais no texto, que deixo para ser abordado pela outra painalista.

Daí se entende também um pouco mais a pergunta, à primeira vista desbaratada, **se a língua acabou**, posta pelos autores.

Sim, responderia eu, tocada pela perturbadora questão. De certa forma, para a Análise do Discurso e para os analistas de discurso, a língua da lingüística se acabou. Há, portanto, que se inscrever como objeto próprio e singular de investigação uma língua de nunca acabar, mas também de nunca alcançar, de nunca tocar e de sempre buscar... a língua da falta, a língua da falha, a língua do equívoco, a língua, enfim, do discurso e dos analistas de discurso por ela concernidos.

BIBLIOGRAFIA

GADET & PÊCHUEX. La langue introuvable. Paris, François Maspero, 1981.

GADET & PÊCHEUX. Y a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme? Equivalences, 2-3, 1977, p. 133-46.